



TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA ENTRE OS ASPECTOS ESTRUTURAIS: UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA OBRA BARRETIANA

Maria Betânia da Rocha de Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) de Lima Barreto em seus aspectos estruturais, sociais e históricos. Nessa direção busca apresentar as questões referentes à narrativa literária a partir dos questionamentos sobre sua natureza conceitual e estrutural em relação com o contexto social e histórico expresso na obra. Nessa perspectiva, objetiva apresentar a forma como os elementos estruturais da narrativa constroem uma história de representação de mundo por meio do personagem protagonista que circula em um espaço ficcional da realidade brasileira. Para garantir a unidade textual, este artigo expõe, inicialmente, um breve relato sobre as várias concepções da narrativa e a importância de seus elementos estruturais para a composição da unidade romanesca e, logo após a apresentação das questões gerais, inicia a análise do romance. Após a análise estrutural, evidenciou-se que a estrutura do romance corresponde ao percurso da personagem. Policarpo parte de uma visão patriótica e utópica aprendida nos livros rumo à maturidade. Essa ação é retomada nas três partes que compõem o enredo e reforça a teoria de Todorov (1976) sobre a sequência narrativa que equivale a uma unidade formada a partir do encadeamento de partes menores.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Estrutural; Lima Barreto; Romance Social.

RESUMEN: Este trabajo tiene por objetivo analizar la novela *El triste fin de Policarpo Quaresma* (1911) de Lima Barreto en sus aspectos estructurales, sociales e históricos. En esa dirección busca presentar las cuestiones referentes a la narrativa literaria partiendo de los cuestionamientos sobre su naturaleza conceptual y estructural de la obra en relación con el contexto social e histórico expresado en la obra. En esa perspectiva, objetiva presentar la forma como los elementos estructurales de la narrativa construyen una historia de representación de mundo a través del personaje protagonista que transita en un espacio ficcional de la realidad brasileña. Para garantizar la unidad textual, este artículo expone, inicialmente, un breve relato sobre las diversas concepciones de la narrativa y la importancia de sus elementos estructurales para la composición de la unidad novelesca y, poco después de la presentación de las cuestiones generales, se inicia el análisis de la novela. Tras el análisis estructural, se evidenció que la estructura de la novela corresponde al recorrido del personaje. Policarpo parte de una visión patriótica y utópica aprendida en los libros hacia la madurez. Esa acción es retomada en las tres partes que componen la trama.

y refuerza la teoría de Todorov (1976) sobre la secuencia narrativa que equivale a una unidad formada a partir del encadenamiento de las partes menores.

PALABRAS CLAVE: Análisis Estructural; Lima Barreto; Novela Social.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da importância da leitura e análise de obras literárias crescem significativamente em todas as esferas da vida do homem. Especificamente no meio acadêmico, essas discussões voltam-se, também para o que as obras literárias podem oferecer ao leitor. As diferentes linhas de pesquisas encadeiam uma vasta rede de significações que o texto literário pode proporcionar graças a sua natureza conotativa.

As questões referentes à narrativa literária são antigas e suscitam inquietações não apenas sobre a natureza conceitual e sua relação com o contexto social e histórico, mas principalmente sobre aspectos estruturais. Sendo assim, objetivamos apresentar o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (2002) de Lima Barreto para analisar a forma como os elementos estruturais da narrativa constroem uma história de representação de mundo por meio de personagens que circulam em um espaço ficcional da realidade brasileira.

Selecionamos essa obra de Barreto porque ela fornece inúmeras possibilidades de investigar o homem brasileiro da segunda metade do século XIX e do início do século XX, a partir de sua relação com os fatores sociais, históricos e culturais num momento de grandes e impactantes transformações na sociedade brasileira.

A nossa pretensão é analisar a forma como os aspectos históricos e culturais estão expressos na obra de Barreto a partir da análise estrutural da narrativa seguindo as concepções de Barthes (1973), Genette (1976), Todorov (1976), Brait (2010). E, com essa perspectiva, optamos por inicialmente apresentar um relato sobre as várias concepções da narrativa e a importância de seus elementos estruturais para a composição da unidade romanesca.

Para a efetivação deste artigo, observamos a evolução do romance, por meio das diversas concepções da narrativa e do papel do homem na sociedade histórica. Verificamos as primeiras concepções e as principais características, bem como os conflitos e as contradições que fizeram com que o termo romance se consolidasse como uma produção literária capaz de expressar o homem em suas diversas facetas. Vale ressaltar que todas as concepções foram fundamentais para que pudéssemos refletir sobre como um texto que gira em torno do homem, com seus desdobramentos

individuais e coletivos, todos muito significativos para a sua existência numa dada sociedade.

Com a pretensão de estabelecermos um caminho metodológico que facilitasse a apresentação deste texto, optamos por uma divisão em capítulos. Para o primeiro, julgamos pertinente iniciar com uma exposição das concepções conceituais e estruturais da narrativa. Em seguida, apresentamos os aspectos literários e históricos presentes na obra do autor em análise – Lima Barreto. A escolha deste percurso, neste artigo, favorece a explanação do terceiro ponto abordado: a estrutura da narrativa e os aspectos sociais em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, uma vez que as partes anteriores foram retomadas no último ponto reportado, além de que o percurso didático adotado proporciona um encadeamento da escrita deste texto.

NARRATIVA LITERÁRIA: CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS E ESTRUTURAIIS

As questões relativas aos conceitos e aos estudos da narrativa sempre foram alvo de diversas discussões, definições e opiniões diferentes. Dentre os inúmeros trabalhos produzidos acerca dessa temática, destacamos as concepções que buscam associar a produção da narrativa ao desenvolvimento das práticas da literatura relacionadas às ações humanas.

Além de ser constituída de percepções divergentes sobre as ações humanas, a arte literária apresenta-se como um campo fértil para a análise do próprio modo de pensar do homem e do processo interpretativo que as narrativas exigem por causa da sua complexa constituição, semelhante à própria existência humana.

Desde as épocas mais remotas, pedagogos e estudiosos das letras enfatizam que ler e ouvir histórias favorecem o desenvolvimento do homem quanto ao aspecto de se constituir sujeito de uma sociedade, além de levá-lo a se reconhecer como ator social ativo dentro desse processo de construção. Tomando como fundamentação essa assertiva, destacamos que ler, contar e/ou ouvir histórias são atividades da práxis humana há muitas gerações. Desde a tradição oral, as narrativas sempre despertaram o interesse de muitas pessoas, principalmente pela forma como são desenvolvidas. E, segundo Barthes (1973), há uma infinidade de narrativas no mundo:

a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má

literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida.
(BARTHES, 1973, p. 19-20).

Com essa concepção, Barthes destaca a narrativa como um fato universal e enfatiza que este tipo de produção escrita está estritamente relacionado com o homem em sua vida na sociedade. Nessa concepção, os elementos que constituem a narrativa interferem na sua significação de alguma maneira. Em outras palavras, o modo como os elementos da narrativa se apresentam pode desencadear várias interpretações, já que, de certa forma, representa o homem de culturas diferentes.

Sobre esse viés, Barthes (1973) apresenta a proposta de análise estruturalista, já que para ele, a narrativa literária é formada por unidades de conteúdo que possuem significação, que constituem as funções distributivas e as integrativas.

As funções distributivas agem na estrutura da narrativa em apenas um só nível, e são constituídas por funções menores chamadas de cardinais (ações que determinam o desenrolar do enredo) e catálises (todo momento de pausas). As funções integrativas são formadas pelos indícios (elementos sutis) e os informantes (considerados como elemento simples, para autenticar a realidade, tais como o tempo e o espaço, por exemplo). Essas funções trabalham no texto como um todo, unindo-se às outras. (BARTHES, 1973, p. 34).

Os índices apresentam significados implícitos, que implicam uma atividade de deciframento por parte do leitor. Os informantes, ao contrário, trazem um conhecimento concreto, que empresta autenticidade, verossimilhança aos fatos narrados: “enraizam a ficção no real” (BARTHES, 1973, p. 34). Os núcleos referem-se às ações que possibilitam alternativas para o seguimento da história. E, por fim, as catálises, de natureza completiva em relação aos núcleos, podem acelerar, retardar, avançar, resumir, antecipar e até desorientar o discurso

Esse modelo de análise estrutural emprega as distinções propostas por Todorov (1976), que são as sequências (o conjunto de pequenas unidades, que formam uma maior). “Não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.” (TODOROV, 1976, p.211). Com efeito, a sequência narrativa é decorrente da lógica da narrativa, e não obrigatoriamente pela ordem cronológica dos acontecimentos.

A lógica da narrativa é a estruturação dada pelo narrador aos acontecimentos, isto é, o narrador pode começar a história pelo fim, e depois fornecer o começo ou vice-versa. Convém destacar que a sequência selecionada pelo narrador não apresenta a obrigatoriedade de relacionar os fatos do mundo real com o mundo ficcional narrativo, mas esta sequência deve ser encaminhada para o entendimento geral da obra.

Todorov (1976, p. 234) faz referência ao fato de ser comum o entrelaçamento de histórias, isto é, dentro de uma narrativa central, é natural que outras histórias sejam contadas. Nesse caso, o autor destaca as seguintes peculiaridades a serem observadas: no momento em que uma história é contada, apenas no término da anterior é que se dá o encadeamento. Assim, quando ocorre a inclusão de uma narrativa dentro de outra se dá o encaixamento, ocorrendo a alternância quando duas histórias são narradas simultaneamente.

Os primeiros estudos sobre a narrativa foram escritos por Aristóteles em torno de 335 a. C. Na *Poética* (1997), o filósofo tece considerações sobre a personagem dos literários como reflexo do ser humano e como elemento construtor do texto. Convém ressaltar que essas anotações sobre o fazer literário são referências para estudos sobre as produções literárias até os dias atuais.

Sobre essa concepção, apresentamos a visão de Genette (1976, p. 255), já que para ele, a narrativa pode ser definida "como a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita". Nessa direção, a concepção de que a narrativa é uma imitação muito próxima da realidade não dá conta da complexidade do todo que a constitui, principalmente quanto ao uso da linguagem verbal quando esta retoma a linguagem não verbal. Por conseguinte, o referido teórico não propõe uma definição exata da narrativa, mas estabelece o que ela tem e o que ela não tem:

Toda narrativa comporta, com efeito, embora intimamente misturados e em proporções muito variáveis, de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (GENETTE, 1976, p.262).

Como depreendemos do exceto, os conceitos sobre a narrativa apresentam-se sempre relacionados aos elementos que a compõem em sua relação com o homem e o contexto social no qual ele está inserido.

Tomamos como base referencial as concepções expostas acima acerca da narrativa e de seus elementos estruturais para analisar a relação existente entre o narrador e os personagens da obra de Lima Barreto *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. O objetivo é verificar a forma como a identificação dos elementos estruturais potencializa a formação e o conhecimento da vida social do homem no início do século XX, conforme exposto no mundo ficcional da personagem protagonista da narrativa, como veremos a seguir.

ESTILO LITERÁRIO, CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL NA OBRA DE BARRETO

Lima Barreto (1881-1922), autor do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911)², é considerado um escritor da Primeira República, e sua obra está enquadrada no Pré-Modernismo, ciclo de intensa movimentação literária e marcado pela transição entre o simbolismo e o modernismo. Para muitos teóricos, o período que antecede o Modernismo não deve ser considerado uma escola literária, já que apresentou inúmeras produções artísticas e literárias bem distintas.

Esse período deve ser entendido, segundo Bosi (2001), em dois sentidos até mesmo contrastantes. No primeiro, o prefixo “pré” assume conotação de mera anterioridade temporal, e o período literário assim designado se caracteriza como extremamente conservador, aglutinando escritores neoparnasianos tradicionalistas que, sob o critério estético, podem ser considerados anti-modernistas.

No segundo sentido, o prefixo conota forte sentido de precedência temática e formal em relação aos valores da literatura modernista. Nessa concepção, o pré-modernismo deve ser visto como movimento renovador, oposto ao conservadorismo entranhado no sentido citado anteriormente, uma vez que os escritores representativos desse modo de entender o período passam a interessar-se pela realidade brasileira, propondo uma revisão crítica dos valores nacionais.

Do ponto de vista cultural, o Pré-Modernismo foi marcado pela convivência entre várias tendências artísticas do século anterior ainda não totalmente superadas, e algumas novidades de forma e conteúdo. Houve um esforço coletivo entre os escritores em produzir uma literatura que despertasse o resto do país para o atraso de nossa democracia: o regime feudal dos engenhos, a política dos coronéis, a violência dos cangaços e o trabalho escravo. Em correspondência com esse panorama social, a produção cultural e artística das elites urbanas do litoral, reflete, de um lado, a crise de um Brasil arcaico e agrário e, de outro, o nascimento de um país moderno e industrial.

De acordo com Sodré (1999), esse movimento pendular da sociedade brasileira entre o imobilismo e a modernização seria prontamente transferido para a literatura. Com efeito, observa-se que as duas primeiras décadas do século XX são marcadas tanto pela presença de resíduos culturais do século XIX, como pela busca de novas formas de expressão. E, acima de tudo, por um desejo individual, e nem sempre explícito, de redescoberta crítica do Brasil. De um Brasil esquecido, ignorado e, por vezes, doente, mas que precisava ser mostrado, discutido, interpretado.

Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Lima Barreto foram alguns Pré-Modernistas que se destacaram. Para este estudo, selecionamos Lima

Barreto porque ele apresentou um cenário brasileiro cujo foco era a tensão vivenciada por indivíduos em busca de um lugar no mundo.

Ao contrário da crítica que o apontou, durante muitos anos, como um escritor autobiográfico, destacamos que o conjunto de suas obras enfatiza, principalmente, as problemáticas sociais e raciais que colocavam o homem em conflito com os (des)propósitos de exclusão predominantes de uma época. Era num período em que os avanços do progresso contrastavam com o retrocesso dos que viviam à margem dos benefícios que a modernidade oferecia aos menos favorecidos econômica e socialmente.

A escrita de Barreto aponta a condição humana como uma espécie de ponto de partida como um ser individual e, ao mesmo tempo, coletivo exatamente porque os aspectos exteriores da realidade são substituídos pelos conceitos da verdade da essência do ser. O conjunto de sua obra ultrapassa os conceitos da descrição da realidade vista ou vivenciada por ele, uma vez que a verdade do autor confunde-se com a verdade da arte, ou seja, a literatura real de Barreto se mistura com o irreal, de forma que a verdade da arte ultrapassa os limites do imaginário. E isso confere ao texto a essência do real sob o ponto de vista ideológico do autor.

Com os personagens que desfilam pela cidade do Rio de Janeiro, Barreto expõe os problemas do indivíduo moderno em busca de afirmação no mundo novo que se desenhava com a Proclamação da República. As narrativas oscilam entre as mazelas presentes no cotidiano e a resistência desse indivíduo diante delas, já que na dinâmica social determinada pela época, grande parte da população era sacrificada em benefício de poucos.

A ESTRUTURA DA NARRATIVA E OS ASPECTOS SOCIAIS EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* narra a trajetória de vida de um modesto funcionário público, em três estágios diferentes, que correspondem, mais ou menos, às três partes em que se divide a obra. A primeira relata sua vida como funcionário público; a segunda, como proprietário rural; a terceira, como soldado voluntário na Revolta da Armada, de 1893. Policarpo Quaresma, um nacionalista fanático que vive fechado em seu gabinete, cercado de muitos livros, apropria-se de uma visão totalmente equivocada da realidade do Brasil.

De início, o protagonista propõe a revalorização dos costumes brasileiros, censurando a imitação das modas estrangeiras. Esse nacionalismo o embriaga tanto que solicita, por meio de um requerimento, a oficialização do tupi como língua brasileira,

mas não encontra receptividade da parte de ninguém, é tido como “louco”, internado e, ainda recebe, como prêmio de consolação a aposentadoria.

Patriota extremado, Policarpo sonha poder resolver os problemas do país por meio da agricultura, mas ao trabalhar no campo acaba entendendo que as terras não são tão férteis como diziam os livros, e as saúvas, mais destruidoras do que imaginara. Por último, o patriotismo leva Policarpo a incorporar-se, voluntariamente, às tropas do Marechal Floriano Peixoto por ocasião da Revolta da Armada. Mas tem nova desilusão: o Marechal não é o chefe que idealizara e, ao denunciar a crueldade da repressão aos adversários, é detido e jogado numa prisão. Assim, no final, à espera da morte por fuzilamento, o major Policarpo Quaresma toma consciência da realidade degradada em que vive.

Com relação à história de Policarpo, dividida nas três fases de sua trajetória enquanto um ser patriota exaltado em seu amor pela Pátria, nosso trabalho tomou como embasamento a proposição de Barthes (1973) sobre as funções distributivas e as integrativas. A narrativa de Policarpo é constituída pelos fatos (unidades de conteúdos significativos) vivenciados em cada momento/espço: no trabalho burocrático, na agricultura e na política, que formarão um todo organizado.

Seguindo essa mesma concepção, observamos que o modelo de sequência narrativa proposto por Todorov (1976) pode ser associado às três fases da história de Policarpo porque cada proposta elaborada por ele para apresentar o Brasil como o melhor país para se viver representa uma pequena unidade para formar uma unidade maior: a narrativa.

A trajetória do protagonista confirma o viés teórico sobre a sequência narrativa apresentada por Todorov (1976, p. 211), já que a ordem e a forma são mais importantes que os acontecimentos relatados, pois é por meio da forma como o narrador nos apresenta Policarpo em cada etapa que conhecemos esta personagem. Todorov se refere à sequência narrativa como um encadeamento de ações que resultam de uma lógica narrativa.

No caso de Policarpo, todos os fatos são e permanecem encadeados a partir do título, uma vez que todas as partes estão interligadas para a construção lógica de um fim a partir de uma sequência. Este “fim” é expresso gradativamente por etapas que culminarão no grande final: a morte da personagem.

Sobre essa perspectiva, destacamos o conceito de herói problemático que Lukács (2000) atribui ao homem solitário que vive em um ambiente desajustado. Este autor apresenta o romance como expressão de uma sociedade capitalista e esvaziada de sentido humano, que é resultado da evolução do homem em suas práticas sociais em cada momento histórico. Esta concepção fortalece os prenúncios de que a narrativa

está sempre em transformação, uma vez que a história do romance está diretamente relacionada com a estrutura e a história da humanidade.

Sobre o pressuposto de que a personagem literária é apresentada como reflexo do ser humano, Brait (2010) enfatiza que as concepções alicerçadas a partir de Aristóteles sobre a existência da personagem obedecem aos princípios de organização interna que regem a narrativa. Ou seja, a personagem é “um ente composto pelo poeta a partir de uma seleção daquilo que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados pela narração” (BRAIT, 2010, p. 31). Por meio do narrador, Policarpo é apresentado como um ser que vivencia a dissonância interna da sociedade brasileira dividida entre realidades advindas da constituição do povo brasileiro no início do século XX.

A descrição da vida de Policarpo se encaixa nessa concepção. As transformações decorrentes do contexto histórico do Brasil, especificamente, no Rio de Janeiro nos anos iniciais do século XX mexem com o mundo real de Policarpo. Apegado à ideologia da classe dominante, de base rural, a personagem oscila entre a aceitação e a negação dos novos padrões que começam a se impor e a se disseminar, tanto nas relações políticas e econômicas do país, quanto no cotidiano das relações sociais. O comportamento da personagem, apesar de metódico, revela sutilmente que suas ações acompanham o panorama da realidade do país, que era de transição e de transformação:

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e *sempre o pão da padaria francesa*. Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januária, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito (BARRETO, 2002, p. 19 – grifos nossos).

Conforme análise da citação acima, observamos que o narrador anuncia que Policarpo está no plano da aceitação, mas há indícios de que algo está por “quebrar” a aparente tranquilidade expressa: “comprava um queijo, *às vezes*, e *sempre* o pão da padaria *francesa*.” Policarpo é de metódico, *previsto* e *predito*: “Como de hábito”; “sem erro de um minuto”; “bem exatamente às quatro e quinze”, conforme a exposição de seu narrador. Mas o uso do adjunto adverbial “às vezes” denota alternância da compra, isto é, o queijo não era comprado todos os dias, e o pão, apesar da produção

no Brasil, advinha de uma panificação francesa. Esta origem, acompanhada do advérbio de tempo “sempre” se contrapõe aos ideais nacionalistas com que o narrador descreve Policarpo ao longo da narrativa.

Policarpo vive um espaço-tempo idealizado, uma vez que todas as suas necessidades pareciam estar satisfeitas: tinha um emprego, uma irmã que cuidava da casa, estudava o país onde nascera e tinha muitos livros. Aparentemente não tinha angústia, mas o estado de tranquilidade em que vivia anunciava desconforto, preconizava o desejo de transformar o país no melhor lugar para se viver.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos [...]

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. [...]

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal [...].

Eram esses os seus hábitos; *ultimamente, porém, mudara um pouco*, e isso provocava comentários no bairro. Além do compadre e da filha, [...] era visto entrar em sua casa, *três vezes por semana e em dias certos*, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça.

(BARRETO, 2002, p. 19 – grifos nossos).

Há nessa sequência de ações algo que parece anunciar uma quebra na rotina matematicamente seguida pelo protagonista: Policarpo resolve aprender a tocar violão com Ricardo Coração dos Outros, personagem que representa na trama o típico compositor de modinhas, composições que para o Major representam a alma nacional. Além de provocar comentários no bairro, essa prática diminui a consideração e o respeito que Policarpo recebia nos arredores de sua casa. O fato é explicado pela irmã mais velha: “um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro [Ricardo Coração dos Outros], um quase capadócio — não é bonito!” (BARRETO, 2002, p. 20). Mas o estudo da música popular representada pelo aprendizado do violão apenas reforça o interesse de Policarpo em seus estudos já iniciados sobre a cultura brasileira.

A ideia de valorização da Pátria para Policarpo estava centrada no uso e preservação das tradições brasileiras, mas como patriota extremado, o protagonista não conseguia perceber que os costumes, as tradições e até mesmo a língua eram heranças de outros povos. Isto é, tanto a modinha do violão quanto a língua falada chegaram ao Brasil e foram “ajustadas” pelos brasileiros.

Com essa concepção, ressaltamos que Policarpo, apesar de seu patriotismo, agia de forma paradoxal: ora buscava as raízes indígenas – visão nacional (quando

solicitou a mudança do idioma português para o tupi-guarani), ora adentrava nas tradições internacionais como verificamos seu interesse em aprender a modinha do violão (gênero musical trazido ao Brasil pelo portugueses), como também na sua preferência pelo pão da padaria francesa. Percebemos que o narrador já antecipa, mesmo que sutilmente, a lógica da narrativa da personagem, que seguirá o esquema apresentado por Adam (*apud* Vieira, 2001): Situação Inicial! Transformação ! Situação Final.

De acordo com o teórico acima, a situação inicial, que corresponde a um universo perturbado, em Policarpo Quaresma pode ser representada pelo desejo da personagem, que é tornar o Brasil o “melhor país para se viver” (p.22). A transformação ou mediação no esquema de Adam (*apud* Vieira, 2001) corresponde à relação que Policarpo mantém com o mundo da fantasia inacessível criada por ele a partir da leitura dos seus livros, do comportamento e das ações extremistas para “viver” o Brasil tal qual aprendera a amar nos livros: “Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política” (BARRETO, 2002, p. 23).

A situação final ou o universo reestabelecido pode ser associada ao desejo da personagem em construir uma nova realidade por meio de outro significado que dá ao país:

A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora um amor o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa. (BARRETO, 2002, p. 22).

Policarpo concentra seu desejo a partir da relação estabelecida entre conceitos mentais e os conceitos visuais (leitura dos livros) que possam levar a alguma posição ideológica. A situação inicial corresponde ao estado em que ele se encontra (sempre realiza as mesmas funções, mesmo que as ações sejam diferentes). Mas a postura que Policarpo mantém entre o espaço/tempo em cada elaboração e execução das propostas para valorização da Pátria simbolizada por ele nunca está completa quanto ao nível de sua função de nacionalista extremado.

De início, o patriotismo de Policarpo aparece sob a forma de um estudioso do Brasil, um país entendido na sua totalidade, sem regionalismo ou suas múltiplas

faces. Policarpo busca definir a natureza do Brasil, seu povo e, conseqüentemente, apontar para a construção de uma nação, estruturada por suas características essenciais. Movido pelo desejo de encontrar uma identidade nacional própria, Policarpo solicita ao Congresso Nacional a decretação do tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro, pois estava convencido de que esta era a verdadeira língua do Brasil:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, [...] vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma - usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro". (BARRETO, 2002, p. 52).

A construção da personagem Policarpo Quaresma, sempre em franco contraste com a mentalidade e a maneira de ser dos que a rodeiam, permite o afloramento de aspectos importantes no sentido da valorização de marcas da brasilidade enquanto cultura popular, definindo um tipo peculiar de patriotismo. A tônica do romance é dada por esse elemento, que leva a personagem ao seu primeiro drama no romance: sua suposta loucura e conseqüente internação em um hospício.

O desejo de encontrar uma identidade nacional própria do povo brasileiro com a adoção da língua leva Policarpo ao manicômio – momento em que vivencia a primeira decepção. Após a saída do hospital, mas não curado do patriotismo exacerbado, o protagonista vai progressivamente tentando concretizar as ideias ufanistas aprendidas nos manuais de história e geografia.

Após se recuperar desse momento, Policarpo deseja explorar as riquezas da agricultura. Aposentado, Policarpo adquire um sítio longe da cidade e para lá se muda com firme intenção de cultivar variadas culturas “nos terrenos mais férteis do mundo (p.74)”, não por ambição pecuniária, mas para demonstrar a superioridade do Brasil. Quando a afilhada sugeriu que ele comprasse um sítio, Policarpo responde eufórico: “- É verdade, minha filha. Que ideia magnífica, tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo ... O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um...” (BARRETO, 2002, p. 74).

Refeito da primeira decepção, Policarpo novamente se engaja em outro projeto concreto de valorização da Pátria. O protagonista, como sempre organizado e metódico planeja e avalia cada detalhe da nova reforma. Quando, enfim, coloca em prática, outra decepção o aguarda. Apesar de todo o empenho, de todo o esforço gasto: a comercialização dos produtos rende um lucro mínimo e, pior do que isso, os trabalhadores rurais revelam-se apáticos e destituídos de espírito de solidariedade.

Via o major com tristeza não existir naquela gente humilde sentimento de solidariedade, de apoio mútuo. Não se associavam para coisa alguma e viviam separados, isolados, em família geralmente irregulares, sem sentir a necessidade de união para o trabalho da terra. (BARRETO, 2002, p. 107).

O sonho agrícola do major se esvai com as saúvas, com os impostos exorbitantes, com a falta de uma política de incentivo ao camponês, com as mesquinhas promovidas pelos políticos e administradores do país. Segunda decepção, o ideal de continuar em busca de “salvar” o Brasil persiste em Policarpo. Dessa vez a saída para o país estaria em reformas mais amplas e radicais: “Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração”. (BARRETO, 2002, p. 116).

A notícia da explosão da Revolta da Armada leva Policarpo a dedicar-se aos manuais de artilharia, balística e ciências afins com grande interesse e motivação patriótica para melhor servir ao país. Mais uma vez, os livros e os estudos são a ponte entre o sonho e a efetivação em ações. No entanto, quando é colocado em combate e vivencia todos os horrores da guerra, as tiranias da oficialidade, as motivações menores que levavam ao conflito, ao despotismo, Policarpo percebe-se no vazio que simboliza o “hiato” – a distância entre o ideal e o real de sua existência em mundo social e historicamente em conflito.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (BARRETO, 2002, p. 175).

Policarpo rememora sua vida de abnegação e renúncia. Nesse momento, a realidade do protagonista se unifica na estrutura da linguagem expressa no romance quando ele entra no mundo real. Enfim, a tomada de consciência de Policarpo pode ser associada às concepções de Todorov (1976) sobre a organização da narrativa a partir de uma divisão do enunciado narrativo em macroposições.

A intriga mínima consiste na passagem de um equilíbrio a outro. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Daí resulta um estado de desequilíbrio; por ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. Há, por conseguinte, dois tipos de episódios na narrativa:

os que descrevem um estado (de equilíbrio ou de desequilíbrio) e os que descrevem a passagem de um estado a outro. (TODOROV, 1976, p. 124).

De acordo com essa proposição, a sequência narrativa seria dividida em cinco macroproposições: A primeira (Pn1) corresponderia à situação estável inicial. A segunda (Pn2), à força que vem perturbar essa situação de estabilidade inicial. A terceira (Pn3), corresponde ao estado de desequilíbrio resultante de (Pn2). A quarta (Pn4), seria a força em sentido inverso que restabeleceria o equilíbrio. Finalmente, a quinta (Pn5) corresponderia ao novo equilíbrio estabelecido.

Nessa percepção de Todorov, uma narrativa mínima é composta de dois estados distintos: (Pn1) – o estado inicial e (Pn5) – o estado final, ambos intermediados por uma série de proposições narrativas medianas que asseguram a transformação de um estado para o outro. Adotamos o esquema que Adam (*apud* Vieira, 2001) organizou a partir do esquema narrativo de Todorov (1976) para destrincharmos a sequência narrativa de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

MODELO DE ANÁLISE PROPOSTO

Pn1 = *Estado inicial* (antes do processo)

Policarpo patriota: um homem solitário tomado de amor pela Pátria. Aprende nos livros sobre a grandeza do Brasil. Vive em função do nacional: alimentação, as vestes, as conversas. Decide aprender a tocar violão.

Pn2 = *Função que abre um processo* (início do processo)

Depois de longos anos de estudos e de dez dias recluso, Policarpo Quaresma pôs-se em ação. “Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação”. (BARRETO, 2002, p. 30). Policarpo planeja organiza festas, cerimônias, hábitos, cantigas e modinhas genuinamente nacionais.

Pn3 = *Processo propriamente dito* (processo)

Para concretizar suas concepções sobre o fato de o Brasil ser o melhor país entre todos os outros países, Policarpo parte para as ações, aqui denominadas de etapas ou fases que formam o (Pn3), e todas, apesar de diferentes em linhas gerais, apresentam a mesma função:

1- O resgate, por meio das pesquisas, das tradições e das origens do povo africano.

- 2- Elaboração do requerimento solicitando a mudança da língua oficial para o Tupi-Guarani.
- 3- A proposta de mostrar a grandeza do país pela reforma na agricultura.
- 4- Alista-se nas tropas do Marechal Floriano Peixoto na Revolta da Armada como tentativa para salvar o Brasil pela política.

Pn4 = *Função que fecha o processo* (fim do processo)

Para cada etapa do (Pn3) há um ciclo do processo que se fecha. Convém destacar que o processo narrativo nesta obra é circular em sua forma sequenciada, sendo assim, a cada fase que se fecha, a função narrativa se abre na etapa seguinte até que todo ciclo seja concluído e, definitivamente, fechado.

- 1- A decepção de tomar conhecimento que o povo não guarda as tradições.
- 2- Após o requerimento, ele é considerado louco e é internado.
- 3- As formigas, a má distribuição das terras, a atitude de pobres e ricos diante dos problemas da agricultura provocam nova decepção na personagem.
- 4- O conhecimento de que a política e seus representantes não são nem fortes nem justos.

Pn5 = *Resultado - Estado final* (após o processo)

Policarpo, finalmente, toma consciência de que vivera, estudara e lutara por uma causa inglória.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati. (BARRETO, 2002, p.175).

A apresentação desse trecho que corresponde ao (Pn5) - estado final do processo pode ser analisado sob a ótica de Adam (apud VIEIRA, 2001), uma vez que para este o mais importante na sequência narrativa mínima de Todorov (1976) é a passagem e a transformação de um estado inicial (Pn1) para o estado final (Pn5).

De acordo com as concepções Adam (apud VIEIRA, 2001), as fases que Policarpo vivenciou conforme exposto em (Pn2 + Pn3 + Pn4) representam as macroproposições narrativas intermediárias, isto é, os elementos que asseguram a mudança de Policarpo – a transformação ou tomada de consciência. Em síntese, a narrativa de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* poderia ser representada por meio do modelo proposto por Adam, quando este atualiza a sequência narrativa de Todorov:

E – Estado inicial	T – Transformação ativa	E – Estado final
Policarpo, um homem metódico e patriota exaltado em seu amor pelo Brasil.	Policarpo em ação em todas as propostas para mostrar a grandeza do país. (As reformas)	Policarpo reconhece a verdadeira essência de ser patriota no Brasil.

Enfim, apresentamos uma proposta de leitura da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* a partir da relação existente entre os elementos da estrutura narrativa e o contexto social e histórico expresso no romance. Buscamos mostrar que a forma como os fatos são organizados numa determinada obra literária potencializa diversas possibilidades de leituras, principalmente aquelas em que a narrativa volta-se para uma atividade de reconhecimento da cultura humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, ressaltamos que ele representa apenas um ponto inicial do longo espaço que os estudos da estrutura da narrativa nos proporcionaram. A partir da leitura da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Barreto, buscamos os dados necessários para analisar a forma como a estrutura narrativa faz a composição do romance.

Para que nossos objetivos fossem alcançados foi essencial um estudo mais profundo da narrativa quanto aos seus aspectos conceituais e estruturais. Por se tratar de um romance em que os aspectos sociais, culturais e históricos aparecem como pano de fundo para a composição da história do protagonista, que é contada sob a perspectiva de um narrador, traçamos uma análise das partes que formam o todo da obra a partir das teorias das categorias da narrativa, especificamente, as que tratam do personagem e do narrador em seu contexto histórico e social.

Trazer à luz a mencionada obra sob a perspectiva da análise estrutural associada à sociologia do romance nos permitiu repensar a história da formação cultural e social do povo brasileiro a partir da relação dos elementos estruturadores e o conteúdo abordado por meio da trajetória da personagem protagonista.

Observamos que a estrutura do romance corresponde ao percurso da personagem. Policarpo parte de uma visão patriótica e utópica aprendida nos livros rumo à maturidade. Essa ação é retomada nas três partes que compõem o enredo e reforça a teoria de Todorov sobre a sequência narrativa que equivale a uma unidade formada a partir do encadeamento de partes menores.

NOTAS

- ¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado). Maringá. Paraná. Brasil. 87020-900. betaportugues@bol.com.br.
- ² BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 23 ed. São Paulo, Ática, 2002. Todas as referências ao romance são relativas a esta edição. *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi publicado, inicialmente em folhetim do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911. Só cinco anos depois (1916) saiu em volume. Adotaremos ao longo de nossa análise a abreviatura “TF” para o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *A poética clássica*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. (Original publicado em torno de 330 a.C.)
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 23. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa – Pesquisas Semiológicas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2010.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1976.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico*. Tradução/posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades. 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Vieira, André Guiland. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Rio Grande do Sul, v.14, n.3, pp.599-608, 2001.